

CAMPANHA NO REDUTO de ACM

■ Presidente passa dois dias pedindo votos na Bahia

Ilhéus (BA) - O presidente Fernando Henrique Cardoso começou ontem a campanha na Bahia por Ilhéus, município administrado pelo prefeito tucano Jabes Ribeiro com o aval do principal cacique político do PFL e presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (BA). Quatro meses depois da morte do ex-líder do governo na Câmara dos Deputados, Luís Eduardo Magalhães, ACM quis, com o gesto, reiterar a disposição de levar adiante os compromissos políticos assumidos pelo filho antes de morrer, entre os quais trabalhar por uma aliança regional entre o PFL e o PSDB.

No palanque para o primeiro comício do presidente na Bahia, houve consenso: Fernando Henrique, o governador César Borges (PFL) e o candidato a senador Paulo Souto (PFL) dominaram o palco. Já a Praça D. Eduardo, que serviu de palco para o comício, parecia pequena para abrigar tantos cartazes, bandeiras e militantes, patrocinados pelos candidatos a deputado estadual e

federal. Nem o famoso Bar Vesúvio, que inspirou o escritor Jorge Amado no romance "Gabriela", escapou. Não faltaram também os famosos trios elétricos. Para conforto do Presidente, foi instalada ao lado do palanque uma sala com ar-condicionado, frigobar e banheiro.

De acordo com o prefeito de Ilhéus, todos os custos da festa baiana, até mesmo o trabalho de funcionários da Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (Coelba) pela instalação de dois potentes transformadores na Praça D. Eduardo, foram pagos pelos comitês de campanha de Fernando Henrique, Borges e pelo PSDB local. Ninguém sabia dizer, porém, o valor total desses gastos.

A aliança entre tucanos e pefelistas era considerada impossível até há pouco tempo. Em 1994, o PSDB baiano chegou a apoiar o nome do candidato a presidente Luiz Inácio Lula da Silva, quando Fernando Henrique decidiu subir no palanque de ACM no estado. O senador não conse-

guiu conquistar ainda todos os tucanos baianos, uma vez que o PSDB, oficialmente, está apoiando a candidatura a governador do pedetista João Durval, principal adversário do candidato de ACM e governador, César Borges (PFL). Mas a dissidência no PSDB baiano, chamada de Avança Bahia, atinge, segundo Ribeiro, dez prefeitos e quase 70% da base do partido.

Timidez

O prefeito de Ilhéus acredita que, se Luís Eduardo não tivesse morrido, todos os tucanos teriam aderido à aliança. "Houve um refluxo nas negociações depois da morte de Luís Eduardo; mas Antonio Carlos me procurou, menos de um mês depois da morte do filho, para me dizer que estava disposto a dar prosseguimento a todos os projetos de Luís Eduardo", afirmou Ribeiro.

"Eu me senti um pouco tímido para retomar as negociações, mas Antonio Carlos insistiu e me disse que poderia falar como se estivesse falando

com o próprio Luís Eduardo; aí, sim, a conversa fluiu", conta Ribeiro. Amigo de Luís Eduardo desde a época em que foram colegas na Câmara dos Deputados, Ribeiro lembra que as articulações do pefelista para tornar viável a aliança entre o PFL e o PSDB começaram no fim de 1996. Prevendo que dificilmente escaparia da disputa pelo governo da Bahia este ano, como queria o pai, ele então começou a articulação da aliança.

Os tucanos baianos sempre fizeram oposição ao "grupo carlista". O próprio Ribeiro foi eleito prefeito de Ilhéus derrotando o candidato de ACM, Roland Lavigne. Mas Luís Eduardo não teve problemas para convencer Jabes a marcar uma série de reuniões com grupos de tucanos. Luís Eduardo propunha uma aliança independente, na qual nenhum dos dois partidos perderia a identidade. Ribeiro pediu primeiro o aval do presidente nacional do PSDB, senador Teotônio Vilela Filho (AL), e, depois, de Fernando Henrique.